

## CAP. I

### A Bacia do rio Trancão – Principais traços da geografia, história e arqueologia de uma região rural a norte de Lisboa

Para melhor compreender o território da freguesia de Bucelas e o sítio arqueológico em questão importa contextualizá-los numa visão mais abrangente, não só a nível geográfico como histórico. O conceituado geógrafo Orlando Ribeiro estabeleceu três grandes divisões geográficas para o território de Portugal continental: o Norte Atlântico, o Norte Transmontano e o Sul. Ora, o Município de Loures, inserido na parte meridional da Estremadura, está integrado na divisão Sul. Portanto, é um território que contacta e intercambia influências com a Beira Litoral, o Ribatejo e o Alto Alentejo.

De acordo com o sistema de divisão territorial – Nutes – o Município de Loures está integrado numa grande divisão regional designada por *Nute II*, ou seja, pela região de Lisboa e Vale do Tejo, que inclui a região da Grande Lisboa. Com efeito, o estuário do Tejo e, no caso de Loures, também a bacia do rio Trancão com a sua extensa várzea têm desempenhado um relevante papel nas estratégias de povoamento do território, ao longo dos séculos.

Ao nível administrativo, as fronteiras do Município de Loures são definidas a norte pelo Município de Arruda dos Vinhos; a poente pelos municípios de Mafra, Sintra e Odivelas; a sul pelo rio Tejo; e a nascente pelo Município de Vila Franca de Xira.

#### 1 - Breve enquadramento geomorfológico da zona norte do Município de Loures

Se atentarmos de forma breve às características geológicas da zona em questão, e tendo obviamente como referência a Carta Geológica dos Arredores de Lisboa<sup>3</sup>, a área em análise apresenta terrenos cujas idades vão do Quaternário<sup>4</sup> ao Jurássico<sup>5</sup>.

<sup>3</sup>Cf. *Carta Geológica dos Arredores de Lisboa*, G. Zbyszewski, 1/50000, Notícia Explicativa da folha 2 – Loures, 1964, Serviços Geológicos.

<sup>4</sup>Quaternário - Período geológico da Era Cenozoica, que teve início há cerca de dois milhões de anos e se prolonga até à atualidade. Este período, por sua vez, subdivide-se em duas grandes épocas: o Plistocénico (2 000 000 – 10 000) e o Holocénico (10 000 - atualidade). É um período da história da Terra que se caracteriza pelas grandes glaciações do Plistocénico e pelo aparecimento do género Homo.

<sup>5</sup>Jurássico – Período geológico que começou há cerca de 210 Ma e terminou há cerca de 140 Ma. Durante este período, o grande continente Pangeia finalizou o seu processo de separação originando progressivamente outros continentes, foi igualmente um período da história da Terra onde não só apareceram as aves, como predominou o domínio dos grandes dinossauros herbívoros e as grandes florestas de coníferas.

Datado do Cretácico<sup>6</sup> existe um complexo que corresponde, de grosso modo, a espessas bancadas de calcários e margas. Podemos observar afloramentos do Cenomaniano distribuídos pela área de Montemor, pela faixa entre Bocal de Cima, Ponte de Lousa, Lousa e Bucelas. Também incluindo a zona de Bucelas, existem os afloramentos do complexo *Albiano-Aptiano*, conhecidos como “Camadas de Almargem”, constituídos por formações greso-argilosas, distribuídos pela faixa entre Lousa, Montachique, Freixial, Bucelas e Romeira de Cima. Existe, ainda, uma estreita faixa de afloramentos do *Urgoniano*, faixa essa que passa por Montachique, Freixial, Bucelas e Romeira de Cima, onde surge sob a forma de grés calcários e de argilas apresentando espessuras entre os 10 e os 85 metros. Ainda do *Cretácico* podemos referir a existência de afloramentos do *Hauteriviano* e *Valanginiano*, correspondendo a um complexo gresoso, alternando argilas arenosas e grés de grãos fino a grosso, na área de São Gião, Freixial, Bucelas e Romeira de Cima.

O Jurássico está representado pelas designadas “Camadas do Freixial”, margas gresosas, grés compacto, calcário branco e margo-calcários do complexo *Portlandiano*, no Freixial, Alrota e Bemposta; e também pelo complexo do *Kimmeridgiano* representado na mesma zona por margas e calcários.

Nas serranias que envolvem a povoação de Bucelas, nomeadamente a Serra de Alrota, foram recolhidos vários fósseis encontrados nos terrenos formados durante o Jurássico, como exemplares de *Trigónias* para mencionar alguns. De acordo com os fósseis recolhidos nos terrenos formados durante o Jurássico, os especialistas afirmam que esses locais corresponderiam a uma zona de praia, rica em moluscos, como certificam precisamente os vários fósseis recolhidos, representativos de várias espécies de bivalves e gastrópodes, assim como de corais (Silvério, 2001, p. 51). Todavia, no Cretácico, o ambiente seria já um pouco distinto a avaliar pelos fósseis recolhidos, neste caso um grupo de bivalves, os rudistas, que por sua vez apontam para águas pouco profundas e quentes.

Outra característica que importa relevar é que a região a Norte da cidade de Lisboa apresenta um relevo típico de costeira, relevo esse que se explica pela alternância

<sup>6</sup>Cretácico – Período geológico que teve início há cerca de 140 Ma e terminou há cerca de 66 Ma. Nesta fase da história da Terra, os continentes já estavam separados, os dinossauros já estavam extintos e surgem as plantas com flor.

de rochas com dureza, permeabilidade e plasticidade muito diferenciadas, bem como uma estrutura geológica monoclinal<sup>7</sup>, com pendores moderados para Sul e Sueste (Zêzere, 2001, p.33). Do relevo desta região, destaque para duas costeiras: a Costeira de Lousa-Bucelas, que se desenvolve nos afloramentos rochosos de idade Cretácia, com orientação W-E; e a Costeira de Odivelas – Vialonga que, por sua vez, se desenvolve nos terrenos de idade paleogénica e miocénica, com orientação de SW para NE. Este tipo de relevo, as ditas costeiras, integram várias superfícies aplanadas - as rechãs - que correspondem a patamares horizontais ou de declive pouco acentuado, entre as suas secções mais clivosas de uma encosta, os quais se explicam pelos vários níveis de erosão. No centro da depressão da Costeira Odivelas – Vialonga desenvolve-se a bacia de Loures, numa ampla zona de baixa altitude, inferior a 20 m, constituindo a maior área deprimida na região a Norte de Lisboa.

## 2 - A bacia hidrográfica do rio Trancão

Considerando a zona em questão, e atendendo à sua rede hidrográfica, toda a drenagem é feita para o Tejo. O rio principal de todo o sistema é o rio Trancão, afluente do Tejo como já foi mencionado. Com efeito, a bacia do Trancão corresponde a uma vasta área de captação de águas, constituindo uma das maiores bacias da envolvente do estuário do Tejo, com uma área de 293 km<sup>2</sup>.

O rio Trancão, com uma extensão aproximada de 29 km, nasce próximo da Venda do Pinheiro (concelho de Mafra), atravessa sucessivos depósitos mesozoicos, infletindo para sul após atravessar Bucelas, percorrendo um vale profundo até atingir as terras baixas na várzea de Loures, desaguando no Tejo através de um vale apertado em Sacavém, outrora também designado como o “mar de Sacavém”. Este curso de água, o Trancão, corre encaixado entre maciços rochosos que atingem 250 a 300 metros de altitude, como sejam a Serra de Serves, a Serra dos Picotinhos e a Serra de Alrota, elevações que rodeiam a vila de Bucelas.

Na região de Bucelas, nomeadamente no rio Trancão, merecem destaque três dos seus muitos afluentes: a ribeira do Boiçã, a ribeira de Vila Nova e a ribeira das Romeiras, cursos de água que alimentavam várias azenhas até ao início do século XX e que vêm mencionados em vários documentos históricos. Nas *Memórias*

<sup>7</sup>Monoclinal - as camadas geológicas inclinam num único e mesmo sentido.



Além dos barcos que transportavam pessoas e bens outros havia, os barcos de pesca, que garantiam o sustento de algumas comunidades de pescadores, nomeadamente de Unhos e de Frielas.

Dos vários portos fluviais que em tempos asseguravam a interligação entre os vários aglomerados localizados na várzea de Loures, o mais relevante era o porto de Sacavém. Em Sacavém de baixo existiam vários cais que permitiam a ancoragem de muitos tipos de embarcações. Um dos barcos mais referidos na documentação é o batel, mas outras embarcações percorriam estes locais, como as bateiras ou as faluas. Por exemplo, no século XVI, em 1552, o conhecido cronista João Brandão de Buarcos, na sua obra Grandeza e Abastança de Lisboa, menciona a existência de 20 embarcações que, vindas do Tojal, Unhos e Sacavém, aportavam diariamente à capital.

Dois séculos mais tarde, em 1760, as Memórias Paroquiais de Santo Antão do Tojal mencionam o rio de Sacavém - ou seja, o rio Trancão - como um braço do rio Tejo que, entrando em Sacavém - várzea adentro - terminaria em Santo Antão, sendo designado como Esteiro. Este "braço" era navegável com a maré cheia e era utilizado pelas maiores bateiras, batelões e "barcos grandes". Aliás, para assegurar a navegabilidade destas embarcações de alguma envergadura, D. João V mandou alargar o referido braço, o então chamado "Esteiro da Princesa". Com efeito, esta obra foi realizada especialmente para garantir o transporte não só das estátuas e dos sinos destinados à "Real Obra de Mafra", como muitos dos materiais de construção que, vindos de outras partes do reino, desembarcaram no porto fluvial de Santo Antão do Tojal, seguindo para o seu destino em carros de bois pela estrada real que ligava esta povoação a Fanhões, Montachique, e finalmente Mafra.

Ainda no início do século XIX, alguns destes portos estavam ativos apesar do crescente assoreamento da várzea. Segundo o testemunho do padre Álvaro Proença, pároco de Loures, que em 1940 escreveu, na sua obra *Subsídios para a História do Concelho de Loures*, que a madeira utilizada para a substituição do pavimento da igreja Matriz, entre 1820 e 1822, terá desembarcado na Póvoa de Santo Adrião e daí sido transportada para Loures, em carros puxados por animais. Portanto, ainda havia então um porto em funcionamento na Póvoa de Santo Adrião, na ribeira do mesmo nome, resquício de uma longuíssima história de

navegabilidade do Trancão, com toda a movimentação decorrente dessa mesma navegabilidade.

Na realidade, podemos constatar que no início do século XIX são vários os pedidos endereçados às autoridades, pelos habitantes dos vários aglomerados que bordejavam a bacia fluvial do Trancão, no sentido de se realizarem obras indispensáveis à manutenção da navegabilidade do rio. Mas o processo foi-se tornando irreversível e, pouco a pouco, os barcos foram desaparecendo.

## 2.2 - A várzea de Loures e a produção de sal

O rio Trancão e alguns dos seus afluentes durante muito tempo fizeram parte dos designados "Salgados do Tejo". No caso de Loures, a exploração do sal remonta seguramente à Idade Média e está documentada em vários textos e mapas antigos; nestes últimos, as salinas aparecem desenhadas quer na zona da várzea de Loures e, portanto, junto às margens do rio Trancão e dos seus afluentes, quer também junto da margem do rio Tejo.

O estuário do Tejo apresentou, ao longo do tempo, condições naturais que lhe conferiram uma dinâmica e riqueza específicas, nas quais, entre muitas outras, se inclui a navegabilidade, como já foi salientado, e o desenvolvimento da salicultura. Com efeito, a exploração de sal apareceu sempre relacionada com outras duas atividades, a pesca e o comércio, pois as zonas das marinhas localizam-se nos limites entre a terra e o mar. O trabalho do sal, o trabalho nas marinhas, salinas, marnotas ou salgados, era uma tarefa sazonal. Muitas vezes o marnoto era também agricultor, ou complementava a sua atividade com a pesca. Havia alturas do ano em que as salinas eram utilizadas como viveiros de peixe.

Observando o mapa antigo do século XVIII, os reticulados das salinas aparecem cartografados na várzea junto ao rio Trancão, aproveitando as águas salobras, e em locais como o Tojal, São Julião, Marnotas, Reguengo de Frielas. Nesta área geográfica, registam-se, na documentação do século XIII, vendas, doações e contratos de exploração de propriedades em que as entidades eclesiásticas, como o Mosteiro de São Vicente de Fora e o Convento de Odivelas, são partes interessadas, permanecendo o pagamento do foro em sal.



**Figura 2**  
Excerto do *Mapa Topográfico* que, por ordem de Sua Majestade Erigio, o Tenente Coronel Luis D'Alincourt, CA 126, *Catálogo Cartas Antigas do Instituto Geográfico Português*.

O sal, pela sua importância, foi sempre um dos produtos de circulação interna e alvo de grande interesse externo. Há referências que remontam ao século XII que asseveram que o sal, recolhido por cabotagem entre o Minho e o Vouga, seguia por via marítima para o Porto e para o norte da Europa para ser vendido na Flandres, França, Inglaterra e até na Irlanda. Na legislação do rei D. Dinis, no século XIII, podemos comprovar que os portugueses continuavam a comercializar este produto, não só na Flandres, Inglaterra e Normandia, mas também em Sevilha e outros portos, inclusivamente de África. No século seguinte, o sal continuava a sair de vários portos do reino; mas será a partir desta data que Lisboa, o “Salgado do Tejo”, adquire progressivamente um papel dominante na circulação marítima do sal, que apenas ganhou paralelo com Setúbal já nos séculos XVI e XVII.

Segundo os historiadores, durante a Idade Média havia em Portugal outros centros produtores de sal com maior destaque, nomeadamente em Coimbra e Aveiro, este último um dos mais importantes. Mais a sul destacavam-se as marinas de Setúbal e Alcácer do Sal, não esquecendo a região do Algarve. O que se verifica em

relação ao “Salgado do Tejo” é que este, sendo muito antigo, vai assumindo uma certa preponderância a partir dos séculos XVIII e XIX, à medida que outros centros entram em declínio, e consegue mesmo um lugar cimeiro ao nível da produção no século XX, com multiplicação das salinas na margem esquerda do Tejo.

### 3 - Bucelas e o Termo da cidade de Lisboa

A freguesia de Bucelas inclui-se na zona norte do concelho, de feição predominantemente rural, sendo mundialmente conhecida pela sua produção vinícola, especialmente a de vinho branco arinto. Desde 1911 que a freguesia de Bucelas incorpora a maior parte da área demarcada desta qualidade de vinho. Os terrenos argiloso-calcários, e as serranias intercaladas por vales profundos, possibilitam um microclima específico, caracterizado por um inverno bastante frio, com alto teor de humidade, e um verão temperado, condições que conferem aos vinhos, aqui produzidos, qualidades únicas.



**Figura 3**  
Chafariz de Bucelas que incorpora o Termo da idade de Lisboa.

O território da freguesia, atualmente com 33,99 km<sup>2</sup>, pertenceu durante muitos séculos ao Termo da Cidade de Lisboa, em estreita relação com a evolução da cidade e da sua área de influência. A demarcação geográfica do Termo de Lisboa variou ao longo dos séculos, mas sempre se estendeu por um vasto território a norte e a ocidente da mesma, compreendendo um certo número de freguesias eclesiásticas, de aldeias e lugares que, no seu conjunto, estavam sujeitos à



Figura 4  
Termo da Cidade de Lisboa (Casal da Cruz, em Vila de Rei).

sua administração. Todo este espaço constituía uma zona de influências e de intercâmbios, pois uma grande cidade necessita de uma área relativamente vasta onde abastecer-se.

Nos finais do século XIV, mercê dos benefícios outorgados por D. João I, em 1385, o Termo é muito ampliado, desde o Tejo até Torres Vedras e Alenquer, incluindo Sintra, Vila Verde, Colares, Ericeira e Mafra, como prova de gratidão pelos serviços

prestados durante a Revolução de 1383-85. Contrariamente, nos finais do século XV, parte das terras doadas por D. João I foram desanexadas, pois não figuram no censo de 1527 do reinado de D. João III. O que importa reter, nesta brevíssima análise, é que os limites do Termo sofreram alterações ao longo dos vários reinados, aumentando ou reduzindo a sua área de influência, mas apesar das mudanças a freguesia de Bucelas esteve sempre integrada no Termo de Lisboa.

Justamente, nesta freguesia subsistem três marcos relacionados com a delimitação/sinalização do referido Termo. Um deles está incorporado no chafariz do largo do coreto, na Praça Tomaz José Machado; dois outros marcos encontram-se na povoação de Vila de Rei, um deles junto a um caminho, a rua da Fonte, e outro deslocado do seu lugar primitivo, nas proximidades do Casal da Cruz.\* Todos eles ostentam os símbolos da cidade, uma barca com dois corvos, que associam Lisboa à lenda de São Vicente.

\*Importa ainda assinalar que na antiga ponte do Zambujal, antes de uma grande cheia que a destruiu no século passado, existiu igualmente um marco do Termo da cidade num dos muros laterais de sobredita ponte. Refiro este marco porque embora atualmente a povoação do Zambujal não faça parte da freguesia de Bucelas, antigamente esteve incluída na mesma como atestam os registos paroquiais da igreja de Bucelas do século XVI.